

Teresa Martins de Oliveira
Universidade do Porto - ILC

Memórias de Gretchen Wohlwill (tradução de excerto)

Introdução

A pintora e gravurista Gretchen Wohlwill (1878 – 1962) chegou a Portugal como refugiada (1940) dada a perseguição que lhe movia o nacional-socialismo, para se juntar ao irmão, Friedrich Wohlwill, prestigiado médico patologista e professor universitário, que a precedera no exílio e rapidamente se vira reconhecido em Portugal, onde foi médico e Professor da Faculdade de Medicina. Oriunda de uma família de reconhecidos académicos, de origem judaica e de orientação laica, Gretchen Wohlwill frequentara a escola de arte de Valeska Röver em Hamburgo e a Academia Matisse em Paris, antes de se destacar como pintora e professora de arte num liceu feminino e membro fundador do movimento da Secessão de Hamburgo (1919).

Em Portugal e depois de um difícil período de adaptação em que sobrevive com insignificantes trabalhos manuais e como professora (principalmente) de alemão, Gretchen Wohlwill recomeça a pintar e, em grande parte por intermédio de Arménio e Ilse Losa, torna-se conhecida no meio intelectual e artístico português, tomando parte em exposições coletivas e expondo também individualmente. Em Portugal, como fizera na Alemanha, Gretchen Wohlwill cultivava conhecimentos e relações: prava não só com outros refugiados como com as famílias de alunos (p.ex. a família Homem de Mello) e ainda com artistas e intelectuais portugueses, havendo a destacar, entre eles, além do casal Losa, Maria e Francisco Keil do Amaral, Diogo de Macedo, Adriano Gusmão, os pintores Carlos Botelho, Júlio Pomar, Lima de Freitas e a pianista Maria da Graça Amado da Cunha, entre outros, que menciona nas suas memórias.

Nas coleções do Museu da Gulbenkian e do Museu Nacional de Arte Contemporânea. Museu do Chiado existem obras suas, mas o nome da pintora encontra-se hoje quase esquecido entre nós, muito embora seja lembrada a sua intervenção em prol da divulgação da gravura em Portugal.

As memórias, de que aqui se traduzem as primeiras páginas do capítulo inicial sobre o exílio português, foram escritas depois do seu regresso à Alemanha, em 1952. Destinavam-se, de acordo com a autora, a serem lidas por familiares e amigos, e, na realidade, vêm a ser publicadas apenas em 1985, com o título *Gretchen Wohlwill. Lebenserinnerungen einer hamburgischen Malerin* [GW. Memórias de vida de uma pintora de Hamburgo], numa versão trabalhada por Hans-Dieter Loose. A ele se fica a dever o posfácio, dedicado principalmente à obra da pintora, e uma lista onomástica comentada das pessoas mencionadas no texto.

A tradução integral das memórias de Gretchen Wohlwill e de cartas selecionadas das muitas que escreveu a amigos/as portugueses constituem um projeto que se espera concluir em breve. A tradutora agradece muito reconhecidamente ao Senhor Professor Doutor Matthias Brandis, Sobrinho-neto da pintora, o consentimento para a publicação da tradução.

Bibliografia

Wohlwill, Gretchen (1984), *Gretchen Wohlwill. Lebenserinnerungen einer Hamburger Malerin*, Bearbeitet von Hans-Dieter Loose, Hamburg, Gesellschaft der Bücherfreunde zu Hamburg.

Tradução (excerto)

Parkhaus Hochkamp,¹ 14 de junho de 1953

Já há muito tempo que tinha decidido fazê-lo, e talvez encontre aqui sossego para cumprir esse meu intento: quero escrever alguns episódios da minha vida. Não por ordem cronológica, mas à medida que me for lembrando. Na verdade, não há um fio condutor a atravessar a minha vida, os episódios encadeiam-se uns nos outros, e as minhas vivências estão ligadas a pessoas que encontrei, mais ou menos por acaso. As minhas escolhas não foram sempre orientadas pela lógica; umas vezes provou-se que estavam certas, outras vezes vim a arrepender-me delas. Foi o que aconteceu desta vez, há um ano, com a decisão de regressar de Portugal à minha antiga pátria. Ainda hoje não sei se foi a opção certa. O azar com o meu pé partido leva-me a pensar num fado (será castigo?). Foi-me bem difícil tomar esta resolução; depois, de repente, pus fim a todas as hesitações e vim. E agora, os doze anos de Portugal ficaram para trás, como o sonho de uma aventura. Que não se tratou de um sonho, mas de realidade, é o que me provam as muitas cartas que quase todos os dias de lá recebo e na minha estante os muitos livros brochados, em português. Afeiçoei-me à língua e a uma série de pessoas. O país, o clima e a cidade de Lisboa² sempre me pareceram estranhos. Muitas vezes levava as mãos à cabeça de repente: por que estás aqui, o que fazes aqui, nada disto te diz respeito. O Fritz,³ que encontrou no trabalho uma missão e realização pessoal, disse-me uma vez uma coisa parecida.

Os primeiros anos foram muito difíceis, não só pelas terríveis saudades de casa, a angustiante preocupação com a Sophie,⁴ mas mais ainda, quase, pela falta de liberdade, pela tensão em que me via obrigada a viver. Só mais tarde, quando passei a ser dona da minha vida na minha minúscula casa, pude levar uma vida mais de acordo comigo própria e conhecer pessoas que tinham a ver comigo. Com alguns trabalhos antigos que trouxe e os poucos novos que fui fazendo, pude participar em exposições coletivas e expor também algumas vezes individualmente, em Lisboa e no Porto. Nas semanas em que os meus quadros estavam expostos, quando eram comentados tanto em particular como publicamente, sentia-me sempre elevada acima de mim mesma, conhecia pessoas novas e, por muito ridículo que possa parecer, acreditava na minha importância. Depois de cada uma dessas exposições, era costume regressar à insignificância que me cabia. Essas exposições tinham lugar nas bonitas salas do Palácio Foz, e eram totalmente gratuitas para mim. O catálogo e os convites são impressos pelo S.N.J. [sic] (Secretariado Nacional de Informação, Cultura Popular e Turismo), a iluminação e a montagem são tratadas pelos funcionários, até os arranjos de flores são fornecidos, assim como a vigilância permanente, e nem sequer é cobrada uma percentagem das vendas; tanto quanto sei, é caso único no mundo.

Dessas exposições provêm as relações que mais tarde se revelaram importantes para mim. Só para nomear algumas: Diogo de Macedo, que me comprou diferentes trabalhos para o seu Museu de Arte Contemporânea e que afirmou quando lhe fiz uma visita de despedida e lhe confessei que pensava regressar em breve para uma nova visita: “Nessa altura não a tornamos a

deixar sair; mando fechar as fronteiras”; Adriano de Gusmão, que escreveu na *Seara Nova* um artigo extremamente laudatório sobre a minha primeira exposição – sobre a segunda terá feito em privado comentários menos [sic] favoráveis. Nessa altura, ele tinha deixado de escrever sobre os eventos do S.N.J. Os oposicionistas boicotavam esta organização do governo fascista. Aquando da minha última exposição, expressou-me de novo e pessoalmente o seu apreço. Nas exposições coletivas do S.N.J. fui agraciada por duas vezes com o Prémio Francisco da Holanda, em 1948 e em 1952 (3.000 escudos), um valioso complemento aos meus não muito chorudos proventos das lições particulares. E que amizades e conhecimentos valiosos fiz através do meu trabalho! Os Losas, a quem tanto devo. Ilse Losa é em Portugal a mulher com quem mais me identifiquei. Como judia, partilha o meu destino, e estamos de acordo, a nível político, pedagógico e artístico. Nos seus romances e novelas, escreveu aquilo que eu própria vivi.

O Mundo em que vivi [Die Welt in der ich lebte]

“Histórias quasi (sic) esquecidas” [Fast vergessene Geschichten]

“Rio sem ponte” [Fluss ohne Ufer]

O Arménio Losa foi o primeiro que apreciou e comprou uns desenhos à pena que eu tinha feito em São Jacinto. Mais tarde, comprou uma aguarela em quase todas as minhas exposições, e também foi por intermédio dele que fui para Fão. Uma coisa verdadeiramente única no seu género. Fão é uma aldeia a 40 km a norte do Porto. Chega-se à praia através de um *pinhal*⁵ (sic) onde muitos intelectuais portuenses se instalaram em modernas casas de fim de semana e de férias; à direita encontra-se a praia dos pescadores, à esquerda uma bonita praia balnear, em que fica o restaurante de luxo “Ofir”. O nome Ofir vem de uma velha lenda, que, segundo me parece, tem a ver com dois rochedos, que apenas emergem durante a maré vaza, os “cavalos” (sic). O “Bar Ofir” é gerido por um consórcio à frente do qual se encontra Souza Martins. A sua diligente mulher, Dona Elena (sic), dirige a organização. Está a ser construído um hotel enorme. Fiz alguns esquiços dessa construção, que há pouco usei para um quadro a óleo. Na altura queria fazer publicidade a todo o estabelecimento. Um pintor, que tinham contratado no ano passado com esse intuito, falhou. E então dirigiram-se a mim, naturalmente que por conselho e empenho do Arménio Losa. É minha função lá desenhar e pintar enquanto puder e quiser, não me comprometo a entregar nenhum dos meus trabalhos, apenas eventualmente a expor o que tiver pintado e a chamar a atenção para a beleza de Fão através do título dos quadros. Em troca, vivo durante oito semanas totalmente às custas do consórcio. E que rica é a profusão de motivos! Deixou-me uma viva impressão a pedra da Abelheira, em que moinhos “mortos” trepam pela encosta íngreme, como num monte do Calvário. Vi-a num dia escuro; aquela paisagem, apenas em cinza e branco, ocupa-me [o pensamento] até aos dias de hoje. Fiz diferentes óleos, aguarelas e uma gravura. O óleo foi comprado no ano seguinte, na exposição do Porto, precisamente pelo consórcio, e deve estar agora no hotel de luxo. A exposição do Porto foi com certeza o meu maior sucesso. Eu própria não a vi, pois, em vez de ir à festa de inauguração, tive que ser levada para uma clínica, porque na manhã do dia da abertura parti o pé em casa dos meus amigos Haas.

Aliás, é aos Haas que, no fim de contas, devo os meus progressos em Portugal: através deles conheci os Losa e através destes, por sua vez, Maria Keil, uma pintora encantadora e extrema-

mente dotada, e o marido, o magnífico Chico, um arquiteto importante, que, entre outras coisas, projetou e dirigiu a construção do Parque Eduardo VII, aos quais me liga agora uma terna amizade. Passei com eles uma poética noite de Natal e estive na casa escondida no pinhal que têm na Praia das Maças. Poucas semanas antes da minha partida definitiva, conheci ainda a pianista bonita e temperamental Maria da Graça Amado da Cunha, um ganho para toda a vida. Correspondemo-nos diligentemente. Por acaso, logo depois do meu regresso, ela teve um convite para gravar aqui na rádio de Hamburgo obras do compositor Lopes Graça, que ela admira acima de tudo; isto é: ela tocou e gravaram, mas, aparentemente, até agora ainda não houve transmissão. Ficou cá pouco tempo, mas foram dias inesquecíveis. Voltando aos Haas: um dia, em 1941, recebo em Lisboa (*sic*) um telefonema de uma senhora completamente desconhecida, para se informar das possibilidades de mandar encomendas para o campo de prisioneiros de Gurs, no sul de França. “Nós vivemos aqui como na lua” disse ao telefone “e não sabemos de nada”. Eu: “Onde é que moram?” A voz no aparelho: “Oh, numa ilha longe de tudo, aliás uma península, onde só se chega de barco. É uma língua de terra muito estreita, e uma linha de dunas entre o mar e a Ria de Aveiro (comparável ao Haff na Prússia Oriental). Eu: “Oh, isso deve ser maravilhoso! Não será possível eu instalar-me aí durante algumas semanas em casa de uns pescadores?” “Não!” riu-se a voz ao telefone “Isso não pode ser, mas venha para nossa casa!” Eu, completamente espantada: “Mas nós nem nos conhecemos!” A voz ao telefone: “Isso remedeia-se com facilidade. Nós ficamos ainda uns dias aqui em Lisboa. Se nos encontrássemos amanhã junto à Companhia dos Telefones no Rossio? Sinal para reconhecimento, uma flor vermelha na lapela do casaco. E assim fizemos, e poucas semanas depois já eu ia para São Jacinto, de comboio até Aveiro, depois de camioneta até à Ria [*sic*] onde o casal Haas me esperava, e depois atravessámos a Ria num barco à vela. Seguiram-se seis semanas cheias, em que desenhei mais do que pintei, as barracas de madeira arruinadas e, principalmente, os “moliceiros” (*sic*), barcos com os castelos da proa belamente arqueados e pintados, que apanham o moliço da Ria e o passam depois para os carros de bois de duas rodas que os esperam. O moliço é usado como adubo. Foi um tempo harmonioso, o verão de 1941. O primeiro tempo despreocupado depois da minha chegada, em março de 1940, interrompido naturalmente por uma estada de quatro semanas na Aguieira, na quinta (*sic*) da família S. As minhas atribuições eram ensinar três crianças e ocupar-me delas durante todo o dia... Foi a primeira vez que partilhei a vida de uma família extremamente católica. À noite, às nove horas, depois de uma conversa animada, começava um quarto de hora de oração. O pai murmurava uma oração em latim e o coro respondia. Da primeira vez, apanhei um grande susto, quando começou aquela ladainha de tom sinistro. A casa de família tem algumas centenas de anos e a senhora decorou-a com muito bom gosto, a paisagem é muito monótona, mas as uvas moscatel brancas e pretas!

No ano seguinte, voltei a passar a primeira parte das minhas férias em casa dos Haas, que, entretanto, se mudaram para a Foz do Douro (arredores do Porto, à beira-mar), para depois passar semanas maravilhosas na quinta dos Homem de Melo, Boa Vista, no Alto Douro. Estive duas semanas lá sozinha, porque a família ficou retida na quinta da avó, em Afife. Havia uma criada de farda preta e avental branco só ao meu serviço: senti-me uma castelã. Mas mesmo

mais tarde, quando a família chegou, ficava-me muito tempo e liberdade para o meu trabalho. A minha obrigação era apenas ensinar alemão aos dois filhos, João Pedro e Toyzinho, no total duas ou três horas por dia. A quinta fica no alto, sobre o Douro, que serpenteia no vale, lá muito em baixo. Motivos [para pintar] de ambos os lados, antes e depois do pôr e do nascer do sol, com tempestade e ao luar.

A vida com esta família distinta era muito mais agradável do que com os S. na Aguieira, que, embora ricos também, viviam de forma modesta. Tanto na mesa como no meu quarto havia sempre não apenas uvas, mas uma enorme quantidade de outras frutas. Durante o tempo que lá estive, Albano Homem de Melo foi nomeado subsecretário de estado para a agricultura. Claro que não se manteve muito tempo no cargo. – O pequeno Toyzinho ficou meu amigo. Dei-lhe aulas desde os seis anos até à minha partida, quando tinha treze, ao princípio diariamente, até à sua entrada no liceu. Tinha também uma relação muito amigável com a avó da parte da mãe. Há outra aluna de quem tenho de falar: a pequena e doce T. No início, ainda era aluna da Escola Alemã e tratava-se de lhe dar explicações; depois da dissolução da escola em 1945, tinha todo o ensino a meu cargo. Não aprendeu nada, além de uma pronúncia perfeita. Eramos verdadeiras amigas. Confiava-me todos os seus pequenos segredos sentimentais e também as suas dúvidas religiosas. Frequentemente eu era visita, por mais ou menos tempo, na sua casa de férias na Venda do Pinheiro. Tinha também uma relação muito amigável com a mãe. É difícil manter todas estas relações de amizade apenas por correspondência, mas espero que nos voltemos a ver. Na Venda do Pinheiro, fazia principalmente pintura figurativa, especialmente a querida T. no baloiço, na espreguiçadeira e em outras atitudes preguiçosas. Foi por essa altura que comecei a fazer pequenos esboços de aguarelas de pequeno formato, um método de trabalho que me quadra bem, segundo me parece. Os resultados são muitas vezes mais animadores do que os grandes formatos, embora realmente pensados apenas como estudos.

Durante 12 anos passou por mim uma quantidade de alunos e alunas, e na verdade gostei de todos eles. De facto, só conseguia trabalhar ao fim de semana e nas longas férias de verão, de meados de junho ao princípio de novembro. Também os amigos da emigração tiveram um papel importante na minha vida, embora eu não partilhe a opinião de Fritz de que qualquer desses companheiros de destino nos deve estar mais próximo do que todas as outras pessoas. Com muitos deles não saberia o que fazer. Convites para o chá eram um pavor para mim, e poucas vezes os aceitei. [...]

In: Gretchen Wohlwill. *Lebenserinnerungen einer Hamburger Malerin*, Hamburg, Gesellschaft der Bücherfreunde zu Hamburg, pp. 1-6

NOTAS

¹ Parkhaus Hochkamp [Casa do Parque Hochkamp] é um sanatório privado, na R. Eichendorff em Hamburgo-Nienstedten, onde a autora foi obrigada a permanecer uma longa temporada, por causa de um pé partido na sequência de um acidente (N.O.)

² Há determinadas palavras, como p.ex. Lisboa, que surgem em português no texto alemão. Na tradução essas palavras serão assinaladas em itálico, seguidas de «sic» (N.T.).

³ GW refere-se ao irmão Friedrich (1881-1958), que foi Professor na Faculdade de Medicina em Hamburgo, Lisboa e nos EUA.

⁴ Trata-se da irmã Sophie (1872-1944), pianista e professora de piano, que foi deportada para Theresienstadt, onde viria a morrer.

⁵ Depois da palavra em português segue-se no texto a tradução alemã [Kiefernwald, Pinienhain], palavras provavelmente inseridas pelo organizador do texto. A partir daqui abstenho-me de fazer referência a essas explicações internas. (N.T.).